

## OS ESTRANGEIRISMOS E O VOCABULÁRIO FUNDAMENTAL NOS DICIONÁRIOS BILÍNGÜES

Maria Cristina Parreira da Silva  
Unesp - São José do Rio Preto<sup>1</sup>  
mcparreira2002@yahoo.com.br

**Resumo:** O neologismo é um vocábulo novo introduzido numa língua, geralmente incorporado por uma comunidade lingüística quando apresenta alta frequência. Mais importante que as discussões estereis sobre sua proibição por lei deveria ser a consciência de que a língua sempre evolui. Portanto, faz-se necessário estudar como incluí-los na nomenclatura de um dicionário, principalmente os estrangeirismos, por conta de sua grafia. Neste trabalho, foram analisados quarenta estrangeirismos usuais na língua francesa, verificada sua presença em listas de vocabulário básico e na nomenclatura de quatro dicionários bilíngües francês-português.

**Palavras-chave:** dicionário bilíngüe; vocabulário fundamental, neologismo, estrangeirismo.

**Abstract:** Neologism is a new word introduced in a language. It is often incorporated by a linguistic community when in high frequency. More important than vain discussions in Brazil about its prohibition by law should be the consciousness of language development. Thus, it is necessary to study how to include neologism in a dictionary microstructure. Foreign terms are specially difficult due to its graphic form. In this work, forty very usual foreign terms in French have been analyzed. Their inclusion has been verified in lists of basic vocabulary and in four French-Portuguese bilingual dictionaries repertories.

**Keywords:** Bilingual dictionary; basic vocabulary; neologism; foreign word.

## Introdução

Pressupõe-se que no vocabulário fundamental de uma língua só existam palavras de longo uso, já consolidadas, atestadas e imprescindíveis para uma comunicação básica. Ao trabalhar com o vocabulário básico da língua francesa em minha tese de doutorado surgiu o interesse em verificar qual a situação atual dos ditos 'neologismos' no vocabulário geral dessa língua.

À primeira vista, parece que os neologismos não fazem parte das listagens de um vocabulário fundamental, que gira em torno de umas duas mil a três mil unidades lexicais para as línguas latinas. Mas num segundo momento, percebe-se que eles só se consolidam na língua por causa de um amplo uso, devendo, pois, ser contemplados nessas listagens.

No *corpus* levantado dos substantivos do vocabulário básico da língua francesa, observei que há uma escassez de unidades estrangeiras, enquanto na língua corrente há vários vocábulos que entram e que permanecem na língua. É preciso averiguar, então, se de fato não caberia a inclusão desses termos nas listagens desse tipo de vocabulário, visto que seu principal objetivo é, entre outros, fornecer subsídios para a aprendizagem mais eficaz da língua estrangeira.

Ora, é evidente que o falante nativo emprega muitas palavras e construções que não aparecem nos dicionários, nem nos livros didáticos. Questiona-se se não seria prejudicial ao aprendiz a ausência dessas unidades lexicais. Como a maioria dos manuais de ensino baseia-se nessas listas para produzir obras direcionadas a determinados níveis, seria aconselhável que essas listas contemplassem a existência dessas unidades e atestassem seu uso.

Neste trabalho são tratados os empréstimos e estrangeirismos na língua francesa. É realizada uma breve verificação para saber se há determinados neologismos por empréstimo nas listagens de vocabulário fundamental perscrutadas. Partindo de dezenove itens de um programa (em CD-ROM) para ensino da língua francesa,

foram acrescentados outros vinte e um, por conta da experiência de uso da língua e conhecimento de obras pedagógicas em francês.

Após a constituição da listagem, foi verificada a presença desses itens em duas listagens de frequência: o *Français Fondamental* e o *Frequency dictionary of French Words* (as primeiras mil palavras). Em seguida, o dicionário monolíngüe do francês *Le Nouveau Petit Robert* foi consultado para conferir a origem indicada da palavra (pressupõe-se: na maioria anglicismos).

Na seqüência, quatro dicionários bilíngües foram compulsados para investigar se os itens da lista final compõem a nomenclatura de cada um deles: o *Grande dicionário francês-português*, da Bertrand (1989), o *Dicionário bilíngüe brasileiro*, da Oficina de Textos (1998), o *Minidicionário francês-português e português-francês*, da Ática (1999) e o *Dicionário Larousse francês-português e português-francês* (1991).

### **A neologia e os neologismos**

A neologia é um fenômeno natural das línguas. Ocorre porque as comunidades estão em constante contato e evolução. Mas nem sempre suas renovações são vistas como enriquecimento. A cada fase da história há sempre aqueles que se preocupam em preservar uma fase anterior da língua, considerando as transformações em curso como nocivas. É claro que, num primeiro instante, o neologismo, apesar de empregado por determinada necessidade, parece interferir no equilíbrio do sistema lingüístico, devido a uma certa dificuldade de integração a esse sistema pelos próprios falantes que o criaram ou tomaram emprestado.

A neologia define-se como o processo fundamental que gera elementos inéditos no vocabulário de uma língua. O neologismo é o resultado concreto desse processo (BOULANGER, 1990). Assim, o neologismo é uma lexia nova que é introduzida no vocabulário de uma língua, em uma época determinada, com determinados fins.

O neologismo pode apresentar-se sob diferentes formas. Guilbert (1975) propõe a classificação de quatro formas de neologia: 1) neologia fonológica – pode ser uma palavra que passa a ser pronunciada de modo diferente (criação de onomatopéias); 2) sintagmática (morfofossintática) – uma palavra passa de uma categoria à outra (criada pelos processos de derivação, composição); 3) semântica – a uma palavra conhecida é atribuída uma nova significação; 4) por empréstimo – uma palavra nova inserida na língua ou em outro domínio do conhecimento por empréstimo. Guilbert (*op. cit.*) classifica ainda a neologia ‘necessária’ como “denominativa” e a neologia ‘estética ou afetiva’ como “estilística”. Quanto a essa questão ainda há divergências entre os pesquisadores.

Os anglicismos, sincronicamente falando, constituem a maioria dos empréstimos no francês e em muitas outras línguas. A história explica essa supremacia do inglês. A influência inglesa iniciou-se no século XVIII e desenvolveu-se nos séculos XIX e XX, sobretudo no que diz respeito às novas tecnologias, e anteriormente, devido aos contatos causados pelas guerras. Obviamente, em fase anterior, houve predomínio de empréstimos de outras línguas, mas com o passar do tempo, esses itens não são mais reconhecidos como estrangeirismos. Talvez, num futuro não muito distante, os estrangeirismos atuais também não serão mais reconhecidos de tal forma.

A língua evolui sempre e não há como evitar esse processo. Os falantes de um idioma são criativos e sempre capazes de recriar e renovar o léxico de sua língua, de acordo com seus anseios e necessidades. Usa-se *WC*, por exemplo, em francês, para não utilizar *pissoir* ou *chiotte*, que são unidades de certa forma deselegantes.

Muitas palavras que hoje são cunhadas com a etiqueta de “neologismo” poderão enraizar-se de tal maneira na língua que será possível reconhecê-las como pertencentes a ela, passando a receber o mesmo estatuto dos itens vernáculos já consagrados. Isso ocorreu, por exemplo, com os galicismos que começaram a entrar na língua portuguesa no século XIX; atualmente, muitos deles não são mais reconhecidos por pessoas comuns como pala-

vras estrangeiras, como ‘manequim’ e ‘vitrine’, por exemplo, ainda muito usuais.

É interessante notar que, em estudos de cunho purista, nas justificativas contra a “invasão de termos estrangeiros”, há, com frequência, listagens com grande quantidade de estrangeirismos reunidos. Contudo, se for comparada a quantidade de elementos dessas listagens com a extensão vocabular da língua receptora, pode-se concluir que esses itens “não ameaçam a pureza” da língua, como pretendem os puristas e certos políticos que nada entendem de Lingüística. No entanto, essa mesma quantidade comparada com o vocabulário ativo de um falante é bastante significativa para a constituição e evolução do léxico da língua receptora, não chegando a “desfigurá-la” em condições normais.

Considerando as áreas de especialidades, é muito mais evidente a presença de empréstimos, sobretudo de substantivos, já que estes nomeiam também as inovações tecnológicas. No português do Brasil, por exemplo, na área da informática, há uma grande quantidade de anglicismos. Importam-se tanto o “*hardware*” quanto o “*software*” dos países anglófonos e, além disso, toma-se emprestada a linguagem para designá-los. Mas, como muitas unidades lexicais acabam banalizando-se, é necessária sua inclusão nos dicionários gerais de língua.

Além dos vocábulos, as línguas podem tomar emprestados sons, sotaques, traços morfológicos e semânticos e construções sintáticas. Porém, entre os elementos do léxico, são naturalmente os substantivos que passam com mais facilidade de uma língua para outra (DEROY, 1956). As outras classes de palavras raramente aparecem. Derooy (*op. cit.*) cita em sua tese uma pesquisa que Haugen realizou sobre os empréstimos em norueguês e sueco. Esse autor verificou que em torno de 74% dos empréstimos são substantivos, 21% em média são verbos e aproximadamente 5% são outras classes (adjetivos, advérbios, preposições e interjeições – na ordem citada). Embora esses resultados referiram-se a línguas tão distantes, só vêm a corroborar uma peculiaridade da distribuição dos empréstimos.

Deroy (*op. cit.*), inspirado nos princípios de Saussure, afirma que o empréstimo é uma noção relativa que é concebida apenas em relação a uma língua definida, ou seja, a um sistema de signos lingüísticos arbitrários em uso em um dado momento numa dada sociedade. É um elemento estrangeiro introduzido nesse sistema e definido, por oposição, ao conjunto dos elementos anteriores. Portanto, para esse autor, o empréstimo é uma inovação do domínio da fala.

Considerando a subdivisão tripartida de Coseriu (sistema, norma e fala – 1978), pode-se afirmar que o empréstimo pode rapidamente passar do domínio da fala ao da norma. Contudo, leva um pouco mais de tempo para chegar ao sistema lingüístico, quando isso ocorre. Não se pode negar, no entanto, que essa passagem é um fenômeno bastante freqüente.

Schmitz conclui em um artigo (2001, p.104) que a presença de estrangeirismos em determinada língua não ameaça sua cultura. Segundo ele:

Receber palavras de origem estrangeira em forma de empréstimo nada tem a ver com a soberania político-econômica. Os idiomas são palcos de mestiçagem e de interculturalidade e não devem ser vistos como baluartes ou fortalezas de nacionalidade, pois as nações-estados contêm diferentes etnias com diferentes identidades.

As palavras do autor são contundentes. Culminando com a aceitação e inclusão desses novos elementos na língua, deve ser estabelecida uma política lingüística que instaure um planejamento lingüístico apropriado para que as unidades novas ingressem de forma adequada na língua receptora, e para que, assim que sejam admitidas, recebam uma grafia padronizada e sejam, finalmente, incluídas oficialmente nos *corpora* e nas obras lexicográficas.

## Os empréstimos lingüísticos e o vocabulário comum do francês contemporâneo

Embora muitas vezes os conceitos de empréstimo e estrangeirismo sejam usados indistintamente, devem ser especificados. Ocorre empréstimo quando um item de uma língua é adaptado ao sistema lingüístico de uma outra língua, ao passo que o estrangeirismo é uma forma alógena adotada por uma língua receptora (XATARA, 1992). Além disso, o empréstimo pode ocorrer dentro de um mesmo sistema lingüístico, entre áreas de conhecimento diferentes, por exemplo.

Em outras palavras, esses dois termos referem-se a dois enfoques de uma mesma coisa, mas como abstração serão adotadas as seguintes definições: “empréstimos” são todas as unidades que podem ser tomadas emprestadas e adotadas, seja de outra língua, seja de um outro domínio; “estrangeirismos” também podem ser considerados como um tipo de empréstimo, mas são aqueles que mantêm na sua forma uma aparência alógena, mesmo que estejam morfologicamente incorporados na língua de chegada.

Alguns autores consideram ainda a denominação “xenismo” ou “peregrinismo”, que seria a fase em que o empréstimo ainda conserva sua forma estrangeira. Xatara (*op. cit.*), considera desnecessária essa denominação. Concordamos com a autora quando argumenta que o termo “estrangeirismo” já designa bem essa fase.

O neologismo, seja ele qual for, só se constitui como tal quando se comprova seu uso em uma determinada comunidade lingüística, durante certo período. Portanto, só passa a ser inserido na língua devido a um uso em larga escala ou devido a uma grande importância e necessidade. Considerando a expansão de seu uso, pode-se entender porque alguns deles podem integrar listagens de vocabulário fundamental. Por outro lado, há estrangeirismos que são apenas modismos e tendem a desaparecer.

Segundo Bagno (*In: Faraco (org.), p.82*), “Não existe língua pura: o vocabulário de qualquer língua do mundo é o resultado de

séculos de intercâmbios com outros povos, outras culturas e, conseqüentemente, outras línguas.” Acrescenta ainda que como atualmente esses intercâmbios são mais freqüentes, é mais comum a ocorrência dos empréstimos lingüísticos e mais difícil de evitá-los.

Entre os estrangeirismos, podemos distinguir os anglicismos (mais produtivos atualmente), galicismos, germanismos, italianismos etc. Em cada fase da história das civilizações houve o predomínio de um idioma como fornecedor de empréstimos, seja por sua hegemonia socioeconômica e cultural ou pela força por meio das ocupações militares. Também na França é o anglicismo que prevalece.

Há comissões de política lingüística que sugerem termos vernáculos em substituição às formas estrangeiras, como ocorre na França com relação ao inglês. Algumas sugestões, como ‘*hardware*’ = *matériel* e ‘*software*’ = *logiciel*, são rapidamente aceitas e utilizadas pelos falantes; contudo, outras sugestões, como ‘*hit-parade*’ = *palmarès* e ‘*hi-fi*’ = *haute définition*, concorrem na língua. Há ainda anglicismos que são mantidos como *stop* e *week-end*, com uma grafia que foge às normas ortográficas do francês. Assim, é bastante complexa, conforme aponta Guilbert (1975) a classificação dos empréstimos como denotativos ou conotativos em uma língua de chegada, ou seja, fazer a distinção dos estrangeirismos necessários dos puramente estilísticos ou volitivos, se assim for possível denominá-los.

Deroy (1956, p.47) afirma que se pode distinguir um empréstimo através de quatro critérios: histórico, fonético, morfológico e semântico. Nem sempre todos eles ocorrem ao mesmo tempo. Para os lingüistas é difícil a identificação e o tratamento dos empréstimos. Para o autor, com quem concordamos, o critério fonético é o mais decisivo e mais significativo. Os francófonos, como todos os povos que recebem de modo freqüente empréstimos de uma determinada língua, criam uma pronúncia especial para os anglicismos, que não se assemelha nem com as normas da língua de chegada, nem com a língua de partida, mas que é uma espécie de aproximação das duas, como ‘*hold-up*’ que é pronunciado [‘oldœp].



O decalque é *um empréstimo por tradução*, segundo Bally, citado em Deroy (1956, p.216). É uma ocorrência natural, já que pode supor um bilingüismo, como no caso do Canadá (francês / inglês) – por exemplo, ‘*loudspeaker*’ à *haut-parleur*. Ainda no Quebec, é comum utilizarem a expressão *tomber en amour* no lugar de *tomber amoureux* (apaixonar-se), com base na expressão inglesa “*to fall in love*”.

Um dos sinais de que o empréstimo não é mais reconhecido como tal e de que começa a ser visto pelos falantes como item nativo, pode ser a sua transformação em um item polissêmico. *Stop*, por exemplo, além do sentido ‘parada’ é também a ‘luz de freio do carro’, o ‘sinal vermelho’, a ‘carona’. *Boom*, além de ser a onomatopéia de uma explosão de bomba, é uma ‘festa animada’.

Alguns itens estão tão incorporados à língua, que além de receber nova grafia e de flexionar-se de acordo com as características da língua receptora (a adaptação morfológica é natural), passam a fazer parte da formação de palavras da língua, compondo novos itens híbridos e, muitas vezes, adquirindo significados bastante distintos daqueles da língua de origem. Exemplos:

*attaché-case* (*attaché* (francês) + *case* (inglês – *suit case*)) = pasta de executivo.

*sous-pull* (*sous* (sob, do francês) + *pull* (pulôver do inglês)) = agasalho de malha fina para usar sob uma outra roupa.

*Faire du stop* = pedir carona (inglês = *to get a lift*).

Os empréstimos, sendo palavras de outra língua, não pressupõem o conhecimento dessa língua pelo falante que o emprega na língua receptora. Tanto que, muitas vezes, como já foi mencionado, os falantes adotam uma pronúncia totalmente diferente daquela original. Em português, por exemplo, estão em concorrência duas

pronúncias para o item “CD-ROM”, uns pronunciam ‘cêdêrrom’ e outros ‘cêdêrrum’, por acharem que a vogal “o” tenha esse som em inglês. Não se trata, aqui, de aproximação da forma nativa, como ocorre muito na pronúncia francesa dos anglicismos.

Poder-se-ia argumentar que os termos considerados, ao serem integrados no vocabulário fundamental de uma língua, não seriam mais estrangeirismos. No entanto, apesar de integrarem o vocabulário básico da comunidade e de sofrer as adaptações morfológicas, muitos deles ainda conservam forma alógena, podendo ser facilmente identificados como empréstimos, conforme distinção feita acima. Além disso, muitos estrangeirismos, mesmo sendo adaptados graficamente, não perdem a referência de sua origem, como por exemplo ‘becapear’ em português, de ‘*backup*’, que não nasceu de base vernácula do português, mas que já é um derivado do substantivo ‘becape’.

Uma das razões que justifica a inclusão dos itens emprestados no vocabulário fundamental é que o aprendiz de língua estrangeira não tem o sentimento de ‘estranhamento’ com relação ao estrangeirismo. Por vezes, a semelhança com uma língua já conhecida (no caso dos aprendizes de francês que já sabem o inglês) pode facilitar a aprendizagem.

### As listagens de frequência

A opinião de pesquisadores de que o *Francês Fundamental* constitui um modelo na pesquisa de vocabulário básico é compartilhada por muitos. De um total de 1475 palavras, o essa lista apresenta os substantivos em primeiro lugar, com uma porcentagem aproximada de 45 %, sendo que os 55 % restantes estão subdivididos entre as outras classes de palavras, vindo em segundo lugar o verbo, e na seqüência decrescente: as palavras gramaticais, os adjetivos, os advérbios e as interjeições.

Embora esse trabalho tenha tido muitas falhas, constituiu-se em um grande avanço na aplicação das técnicas lingüísticas para a

organização de cursos de ensino de idiomas. Além disso, por ser um trabalho pioneiro, inspirou muitos trabalhos que trataram do léxico, pois chamou a atenção para a necessidade de se tornar o ensino de línguas estrangeiras mais acessível aos interessados. Por essa razão, neste trabalho, será considerada a listagem do *Francês Fundamental*, já que é uma listagem elementar do léxico da língua francesa, que certamente foi considerada em muitos manuais didáticos. A descrição do léxico, sem dúvida, é importante para o ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira.

A maioria das listagens de palavras freqüentes tem, essencialmente, o propósito escolar, ou seja, visa ser objeto de aplicações pedagógicas. O objetivo dos autores do projeto do *Frequency Dictionary of French Words*, sob a coordenação de Alphonse Juilland, ao contrário, é o preparo de um *corpus* confiável de cada uma das cinco línguas de origem latina (entre elas o francês, o espanhol, e o italiano), através de descrições, comparações, investigações históricas dessas línguas romanas.

Para elaborar o dicionário de freqüência, os autores contaram com uma amostra de 500.000 palavras. Sabe-se que é muito importante, para o conhecimento de uma obra e para qualquer análise crítica, saber quais fontes foram empregadas na sua elaboração. Nesse caso, os textos franceses utilizados pertencem a vários gêneros: peças, novelas, ensaios, artigos de jornais e revistas, literatura técnica e científica. Esse trabalho resultou numa lista de 5.082 palavras. O resultado é apresentado em três níveis: a freqüência, a dispersão (ou repartição, distribuição) e o uso (coeficiente da relação de freqüência e da dispersão), arrolado em grupos de 500 itens.

Essas duas listagens foram escolhidas como a primeira fonte de observação para verificar se os itens levantados estão contidos nelas. Como os quarenta itens são substantivos, é interessante notar que essas listas contemplem normalmente uma média em torno de cinquenta por cento de seus itens nessa categoria.

### **Constituição do *corpus***

É importante que os itens lexicais contidos em programas de ensino de línguas façam parte da nomenclatura dos dicionários bilingües, por isso resolvemos examinar alguns dados observados numa determinada ferramenta.

O CD-ROM *Smart Start* da *Syracuse Language*, dos Estados Unidos, foi selecionado por ser uma ferramenta de aprendizagem da língua estrangeira (Francês) que apresenta dezenove estrangeirismos, praticamente a metade dos itens arrolados neste estudo. Estabelecida em 1989, *Syracuse Language* é uma editora de programas interativos de línguas estrangeiras e programas de educação à distância para negócios.

Para complementar esses itens, foram acrescentados aleatoriamente outros vinte e um, por conta da experiência de anos no magistério da língua francesa (Cf. Anexo I). Não se pode afirmar com veemência que essas unidades fariam parte de uma listagem de frequência por seu uso, mas certamente seriam incluídas pelo critério da disponibilidade (Cf. Gougenheim, 1967). É sabido também, que além dos itens escolhidos, há uma grande quantidade de empréstimos, de estrangeirismos e de neologismos calcados da língua inglesa (falsos empréstimos), que poderão ou não se estabelecer na língua.

### **Análise e resultados**

Boulanger (1990, p.238) afirma que os neologismos aspiram por uma existência legal na língua receptora e que só atingem seu apogeu no momento em que são contemplados nos dicionários. Partindo desse pressuposto, verificamos também se os itens listados estão presentes na nomenclatura dos dicionários que analisamos.

As possibilidades de que um neologismo de áreas de especialidade integre um dicionário são muito mais reais do que para os

neologismos do domínio geral. As obras lexicográficas de linguagem técnica são produzidas e revisadas mais amiúde, o que não ocorre com as obras que tratam do léxico da língua geral.

Convém lembrar que neste trabalho são tratados apenas alguns empréstimos que ainda mantêm a forma da língua de origem, embora já estejam adaptados à língua receptora e aceitos pelos falantes, por esse motivo, podem e devem fazer parte do vocabulário fundamental da língua receptora.

Todos os itens levantados estão na nomenclatura do dicionário monolíngüe *Petit Robert*. De acordo com as informações desse dicionário, dos quarenta itens, apenas *pizza* e *spaghetti* são italianismos, *attaché-case* e *sous-pull* são formações híbridas (francês e inglês), *yaourt* vem do turco. Os trinta e cinco itens restantes são anglicismos, o que corrobora sua supremacia.

Nenhum desses itens foi encontrado na listagem do *Francês Fundamental*. Pode-se argumentar que a maioria dos itens ainda não estava integrada na língua na época da elaboração da obra, como *CD-ROM*, por exemplo, ou justificado pela opção dos autores pela exclusão de itens estrangeiros. Todavia, há itens que já datam de muitos anos, sendo já polissêmicos na língua francesa, como *sandwich* (uso conotativo já em 1934, segundo o dicionário monolíngüe consultado) entre outros itens como *club*, *week-end* etc. Nessa listagem, foi encontrado apenas o item *speaker* (locutor, apresentador), desconsiderado em nossa listagem.

No *Frequency Dictionary of French Words* (1000 primeiras ocorrências), também não foram encontradas as unidades da lista composta para esta análise, talvez pelo mesmo argumento falho da atualização, já que a obra data de 1970.

Quanto à análise da presença desses itens nos dicionários bilíngües (DBs) – Grande Dicionário (1989), Dicionário Brasileiro (1998), Minidicionário Ática (1999) e Dicionário Larousse (1991) – verificou-se que, dos quarenta itens levantados, sete não estão na nomenclatura de nenhum dos quatro DBs, quais sejam: *boom*, *building*, *CD-ROM*, *hold-up*, *scooter*, *sous-pull* e *steak*. Apenas

dois dos 19 itens do *CD-ROM Smart Start* não constaram das nomenclaturas dessas quatro obras.

Não se pode apontar a causa da não-inclusão desses itens: reafirmamos que talvez seja por uma escolha inadequada de itens segundo sua frequência, ou pela própria novidade, como é o caso de *CD-ROM*, que há pouco entrou para o vocabulário comum dos falantes. Em francês já se estuda uma grafia afrancesada “cédérom”, o que certamente quebra o último obstáculo para sua inclusão na nomenclatura dos dicionários bilíngües. Não seria grave se já estivesse aí incluído, mesmo que com a grafia estrangeira, pois esse anglicismo existe na língua francesa desde 1985, há vinte anos, segundo a datação do dicionário monolíngüe *Petit Robert*. A recomendação de “*disque optique compact – DOC*” não se popularizou.

No Grande Dicionário, há 50 % dos itens alistados, ou seja, vinte (cf. anexo II). Nessa obra, por ser a mais antiga, encontram-se mais menções sobre o caráter neológico das palavras, através da etiqueta ‘palavra inglesa’, que aparece nove vezes e ‘palavra italiana’, uma vez, como se pode conferir no anexo II.

O Dicionário Brasileiro é o que mais inclui termos – trinta e um do total de quarenta, ou seja, 77,5%. Não apresenta marcação de neologismo. Já o Minidicionário Ática, assim como o Grande Dicionário, considera 50% dos itens, mas com cinco marcas de Anglicismo. Talvez não apresente mais itens por ter uma nomenclatura bastante reduzida. O Dicionário Larousse é o DB que menos contempla os estrangeirismos: apenas 37,5% da lista – quinze itens. Neste, surge só uma vez a marca de neologismo, para o item lexical ‘*hall*’, o que denota uma falta de critério, pois não há nenhuma menção aos outros itens incluídos, como se pode observar nos anexos.

Desse modo, pode-se perceber que apenas um dos quatro dicionários examinados possui a quase totalidade dos itens verificados. Os outros três contemplam menos de cinquenta por cento, e quando o fazem, não utilizam um critério preciso e rigoroso para a inclusão e a indicação das marcas de uso (neologismo, palavra in-

glesa). Também se pode concluir que as listagens de vocabulário fundamental ou básico mais antigas não servem como único parâmetro para a elaboração de dicionários bilíngües adequados à aprendizagem de língua estrangeira. Acreditamos que a melhor solução é a consulta a *corpora* modernos realizados por vários grupos de estudo confiáveis.

### Considerações finais

Para concluir este estudo, com os resultados obtidos, podemos reafirmar que a língua está em constante evolução e é uma necessidade premente que o dicionário acompanhe suas renovações. Para tanto, é preciso que os lexicólogos e lexicógrafos estejam sempre atentos quanto aos neologismos e que não tenham preconceitos lingüísticos ao planejar suas obras.

A aceitação de um empréstimo não pode ser apenas questão de escolha do lexicógrafo; deve basear-se em pesquisas sérias que comprovem o uso das unidades lexicais na língua.

Convém ressaltar que quando se fala em anglicismo no francês e no português não se trata da mesma coisa. Os contatos entre as línguas dependem de vários fatores, inclusive os culturais, o que faz com que o resultado da influência de cada língua sobre outra e seu desenvolvimento posterior sejam bastante distintos.

Ao pleitear por dicionários bilíngües francês-português mais adequados aos aprendizes não se pode negligenciar esse fato. *Shopping*, em francês, não tem a mesma acepção que *shopping* em português do Brasil. Nem sabemos se seu uso é consagrado no português europeu. Também não se trata de uma transposição direta do inglês. Por conseguinte, não se pode justificar a não-inclusão de empréstimos ou estrangeirismos comuns em duas línguas em obras bilíngües. Além disso, como já foi mencionado, o empréstimo pode tornar-se polissêmico, adquirindo sentidos totalmente divergentes em duas comunidades lingüísticas diferentes.

Por fim, as obras lexicográficas bilíngües (também as pedagógicas), devem ser baseadas no uso real da língua e visar os falantes e aprendizes que pretendem comunicar-se bem dentro da norma de uma língua estrangeira.

### Nota

1. Professora assistente doutora da UNESP-SJRP (Língua Francesa) e da UNICERES-SJRP (Eixo de Língua Portuguesa – Fonética e Fonologia, Morfossintaxe, Lexicologia e Lexicografia).

### Bibliografia

AZEVEDO, D. *Grande dicionário de francês-português e de português-francês*. 11ed. Lisboa: Bertrand, 1989. (2 vol.)

BOULANGER, J-C. La création lexicale et la modernité. *Le langage et l'homme*. Recherches pluridisciplinaires sur le langage. Bruxelles, Ministère de l'Éducation de la Communauté Française, Association des Revues scientifiques et culturelles (ATSC). Vol. XXV, n.4, décembre 1990.

COSERIU, E. Sistema, norma y habla. In: \_\_\_\_\_. *Teoría del lenguaje y lingüística general*: cinco estudios. 3.ed. Madrid: Gredos, 1978. p. 11-113.

DEROY, L. *L'emprunt linguistique*. Paris. Les Belles Lettres, 1956.



D'OLIM MAROTE, J. T. (org.) *Minidicionário francês-português e português-francês*. São Paulo: Ática, 5ed., 1999.

FARACO, C. A. (organização) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo, Parábola, 2001. 191p.

FONSECA, F. V. P. *Dictionnaire Larousse français-português, Dicionário Larousse português-francês. Collection Apollo*. Paris: Larousse, 1991.

GOUGENHEIM, G. *et alii. L'élaboration du français fondamental. (1er. degré)* Paris: Didier, 1967.

GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris, Larousse, 1975. Coll. Langue et Langage.

JUILLAND, A. *et alii. Frequency dictionary of French words*. Paris : Mouton, 1970.

*LE NOUVEAU PETIT ROBERT. Version électronique en CD-ROM (Version 1.3)*, Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Paris, Le Robert, c1996-1997.

SIGNER, R. *Dicionário Brasileiro: francês-português / português-francês*. São Paulo: Oficina de Textos, 1998.

*SMART START* – Francês. Aprendizado fácil para escola, casa, viagens. Syracuse Language Systems, Inc. Syracuse, NY, USA, 1994-1998. CD-ROM. <http://www.syrlang.com>.

XATARA, C. M. Empréstimos, estrangeirismos e suas medidas. *Alfa*, São Paulo, v. 36, 1992. p. 99-109.

## OS ESTRANGEIRISMOS E O VOCABULÁRIO FUNDAMENTAL NOS DICIONÁRIOS BILÍNGÜES

### ANEXO I

Lista dos estrangeirismos encontrados no CD-ROM SMART START (\*) e itens acrescentados:

1. attaché-case*	11. hamburger*	21. pull*	31. sous-pull*
2. basket	12. hold-up	22. puzzle*	32. spaghetti*
3. bifteck	13. hot-dog*	23. sandwich*	33. standard
4. boom	14. interview	24. scooter	34. steak*
5. building	15. Jean*	25. self-service	35. stop*
6. CD-ROM	16. jogging	26. shampooing*	36. ticket
7. clown	17. kidnapping	27. shopping	37. t-shirt*
8. club	18. ketchup*	28. short*	38. w. c.
9. football	19. parking	29. smoking*	39. week-end
10. hall	20. pizza*	30. soda*	40. yaourt*

### ANEXO II

#### TABELA ILUSTRATIVA DA INCLUSÃO DOS EMPRÉSTIMOS NOS DBs

ITENS	GRANDE DICIONÁRIO	DICIONÁRIO BRASILEIRO	MINIDICIONÁRIO ÁTICA	DICIONÁRIO LAROUSSE
1. <i>Attaché-case</i>	~	Pasta para documentos	~	~
2. <i>Basket</i>	Pling -Basquetebol	Tênis / Basquete	'basket-ball'	~

3. <i>Bifeck</i>	Bife...	Bife, filé	Bife	Bife
4. <i>Boom</i>	~	~	~	~
5. <i>Building</i>	~	~	~	~
6. <i>CD-ROM</i>	~	~	~	~
7. <i>Clown</i>	Pl ing – Bobo, palhaço	Palhaço	Palhaço	Palhaço
8. <i>Club</i>	Clube	Clube	Clube	Clube
9. <i>Football</i>	Pl ing – Futebol	Futebol	Futebol	Futebol
10. <i>Hall</i>	Pl ing – Vestíbulo	Hal, saguão, Vestíbulo	Vestíbulo	Átrio - neol.
11. <i>Hamburger</i>	~	hambúrguer	~	~
12. <i>Hold-up</i>	~	~	~	~
13. <i>Hot-dog</i>	~	Cachorro quente	~	~
14. <i>Interview</i>	Pl ing – Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista
15. <i>Jean</i>	~	Jeans, brim	~	~
16. <i>Jogging</i>	~	Corrida, Cooper, abrigo	~	~
17. <i>Kidnapping</i>	'kidnapper'	Sequestro, rapto	'kidnappeur'	~
18. <i>Ketchup</i>	~	ketchup	~	~
19. <i>Parking</i>	~	Estacionamento	Angl Estaciona- mento	~
20. <i>Pizza</i>	~	pizza	pizza	~
21. <i>Pull</i>	'pull-over'	Pulôver	pulôver	camisola
22. <i>Puzzle</i>	Pl ing – jogo da paciência	Quebra-cabeça	Quebra-cabeça	~
23. <i>Sandwich</i>	Sanduiche	Sanduiche	Sanduiche	Sanduiche
24. <i>Scooter</i>	~	~	~	~
25. <i>Self-service</i>	~	~	Angl Estabele- cimento	~
26. <i>Shampooing</i>	Lavagem / loção	Xampu	~	~
27. <i>Shopping</i>	~	'Shopping', compras	~	~
28. <i>Short</i>	~	'Short'	~	~
29. <i>Smoking</i>	Pl ing – 'smoking'	~	~	smoking
30. <i>Soda</i>	Soda - ing 'soda-water'	refrigerante	~	soda
31. <i>Sous-pull</i>	~	~	~	~
32. <i>Spaghetti</i>	Pl ital- macarrão	Espaguete	~	~
33. <i>Standard</i>	Pl ing – tipo/móvel	Padrão/ PABX	Angl. padrão	Estalão
34. <i>Steak</i>	~	~	~	~
35. <i>Stop</i>	Pl ing – interj.	'stopper'	Ponto/lanterna/ sinal	'stopper'
36. <i>Ticket</i>	Bilhete...	Tiquete...	Tiquete...	Bilhete
37. <i>T-shirt</i>	~	(tee) Camiseta	~	~
38. <i>W.C.</i>	~	'water-closet' banheiro	Angl. Banheiro	'water-closet'
39. <i>Week-end</i>	Pl ing – Fim de semana	Fim de semana (sem -)	Angl Fim de semana	Fim de semana
40. <i>Yaourt</i>	'Yogurt'	Iogurte	Iogurte	'Yogourt'

**ANEXO III**

GRANDE DICIONÁRIO	DICIONÁRIO BRASILEIRO	MINIDICIONÁRIO ÁTICA	DICIONÁRIO LAROUSSE
Porcentagem 50 % dos itens incluídos	77,5 %	50 %	37,5 %